



Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)
Patos de Minas: UNIPAM (2): 32-40, nov. 2009

Estágio: um diálogo entre teoria e prática

Geisa Almeida | Jamille Batista
Nelci Santos | Stephanny Graff
Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - Campus XVIII

Orientação: Prof.^a Marta Kurosaki

Resumo: Na formação do professor, o estágio assume um papel imprescindível, visto que possibilita uma aproximação com a realidade escolar, daí a concepção do mesmo como a parte prática dos cursos de licenciatura por muito tempo afastado da teoria. Contudo, em outras concepções esta parte “prática” foi considerada como uma imitação de modelos tradicionalmente concebidos como bons ou como uma instrumentalização técnica, em que cabia ao professor saber aplicar técnicas em diferentes situações na sala de aula. Por outro lado, a relação entre teoria e prática, pregada atualmente nas universidades, é apresentada numa visão dissociativa, com ênfase na teoria. E numa visão de unidade onde teoria e prática são indissociáveis. Assim, o estágio ou contrário do que se pregava não é uma atividade prática, mas, sim, uma ferramenta teórica e prática, transformadora da realidade. Porém, muitas vezes, por não compreenderem a realidade escolar, os estagiários acabam tentando modificá-la à luz das teorias estudadas. No entanto, nem sempre estas se encaixam a todas as realidades, daí a importância da pesquisa no estágio, pois por meio desta o graduando poderá conhecer melhor o contexto escolar no qual irá trabalhar e conhecer também seus problemas e poder por meio de projetos de intervenção mudar a realidade. Além disso, o estágio possibilita ainda ao estagiário o convívio com outros professores, coordenadores e diretores que contribuirão para a formação da sua identidade como professor, visto que esta se dá através da socialização, do convívio e de experiências vivenciadas.

Palavras chave: 1. estágio. 2. teoria. 3. prática. 4. formação. 5. reflexão.

Introdução

De acordo com as diretrizes e bases da educação o ensino superior tem por objetivo levar o estudante a pensar sobre a sua participação na construção de uma sociedade crítica, tendo em mente como se inserir, participar e transformar essa sociedade. Assim a universidade tem o papel de formar cidadãos aptos para exercerem suas funções em diversas áreas,

tal como na educação, em que ela oferece subsídios teóricos e práticos para que ocorra a formação adequada do professor. Com esse intuito, a mesma emprega diversas ferramentas no processo de ensino, e um dos instrumentos mais utilizados nos cursos de licenciatura é o estágio, uma vez que proporciona ao graduando um contato direto com a realidade escolar.

Dessa forma, o estágio, que é definido pelo Aurélio como “aprendizado”, vem proporcionar ao educando uma experiência que servirá para uma melhor assimilação das teorias que conseqüentemente auxiliarão em sua prática.

Deste modo essa troca de saberes que ocorrerá na sala de aula entre o estagiário e o meio de trabalho fará com que o seu conhecimento extrapole as fronteiras escolares, dando a ele uma nova visão de mundo que o tornará um profissional competente, visto que terá conhecimento, saberá transmiti-lo e compreenderá o porquê e o para quê de tudo que faz em relação à sua profissão.

Sendo assim no decorrer deste artigo iremos analisar a relação teoria e prática em diferentes concepções de estágio para a formação do professor. Partindo desta análise, definir os termos teoria e prática, examinar a dicotomia existente entre ambos e discutir o processo de formação da identidade do professor. Além disso, diferenciar as várias práticas concebidas ao longo dos anos, levando em consideração que toda atividade tem seu caráter “prático”; todavia é vital compreendê-las não como modelos estáticos a serem empregados, por considerá-los como bons numa visão instrumentalizada, dando a ideia de teoria separada da prática, reafirmando a velha dicotomia.

Isso leva a uma questão preocupante não só para os professores em exercício como para os graduandos em cursos de licenciatura, afinal, o estágio é apenas a parte prática dos cursos, sendo, portanto, dissociada da teoria? Decerto não, pois como afirma Candau (1996), em sua obra *Rumo a uma nova didática*, ambas devem estar intimamente relacionadas, numa relação de reciprocidade, são indissociáveis numa visão de unidade. Caso contrário, tem-se uma teoria desvinculada da prática e vice-versa, sendo que a universidade entra em contrapartida ante essas concepções, por ser o espaço formador de docentes, tendo por finalidade apresentar a pesquisa como caminho metodológico para essa formação. Sendo assim, o estágio tem na pesquisa uma estratégia na formação de professores pesquisadores capazes de refletir e intervir na realidade em que estão inseridos. Buriola (1999), citado por Pimenta e Lima (2004), vê o estágio como o local onde a identidade se constrói e, portanto, deve ser bem planejado.

Este artigo está estruturado em três tópicos: 1) *Estágio diferentes concepções*, que fala sobre as práticas como imitação de modelo, instrumentalização técnica e relação teoria-prática, e a formação do professor; 2) *Estágio superando a separação entre teoria e prática*; 3) *Como se constrói a identidade profissional docente*.

Para atingir os objetivos propostos, inicialmente problematizamos o tema partindo de questionamento, pois essa relação entre teoria e prática preocupa não apenas educadores, mas outros profissionais das áreas aplicadas, como Assistência Social, Direito e Medi-

cina, claro que não com a mesma intensidade. A temática se justifica, portanto, uma vez que é comum ouvir dos graduandos afirmações de que “na prática a teoria é outra” e que o estágio é apenas a parte prática. Partindo da questão problematizadora, cujo tema é “estágio: um diálogo entre teoria e prática”, fomos em busca de referencial teórico, fizemos várias pesquisas bibliográficas, elaboramos um projeto que mais tarde resultou neste artigo, os autores que serviram de embasamento teórico foram Candau (1996), Pimenta e Lima (2004) e Alves (2002), dentre outros, pois suas respectivas obras *Rumo a uma nova didática, Estágio e docência* e *Formação de Professores: pensar e fazer* tratam justamente do estágio e das diferentes concepções, da construção da identidade docente e de temas afins tratados neste artigo.

Portanto, o estágio possibilita que muitos aspectos em relação à construção da identidade do futuro professor sejam trabalhados. Para tanto, são necessários alguns fundamentos, e qualquer curso de formação de professores deve trabalhar a questão da identidade e de que forma o estágio como componente curricular pode contribuir na construção da mesma.

1. Estágio: diferentes concepções

Ao longo do tempo, o estágio passou por diferentes concepções de acordo com cada visão e num dado momento na história. Sempre foi visto como a parte prática dos cursos de formação de professores, nos quais os conteúdos do currículo de formação são desvinculados da realidade escolar, além do que a carga horária destinada à “prática” sempre foi menor comparada ao tempo de estudo dedicado às teorias.

Segundo Pimenta e Lima “com frequência, se ouve que o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática” (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 34). Assim, para melhor compreender a relação teoria-prática, faz-se necessário compreender o sentido dessas palavras. Tanto um termo como o outro tem origem grega:

Teoria significava originalmente a viagem de uma missão festiva aos lugares do sacrifício. Daí o sentido de teoria como observar, contemplar, refletir. (...) Quanto à palavra prática, deriva do grego “práxis”, praxeos” e tem o sentido de agir, o fato de agir e, principalmente, a ação inter-humana consciente (CANDAU, 1996, p. 50).

Entretanto, é importante salientar que existem diferentes conotações que afetam não apenas os educadores, mas também as outras áreas do conhecimento denominadas áreas “aplicadas” (medicina, serviço social, direito etc.).

1.1. Imitação de modelos

Na perspectiva da prática como imitação de modelos, o acadêmico aprende a profissão a partir da observação e reprodução de modelos pré-existentes. Desse modo, os alunos

aprendem observando seus professores, analisando-os, criticando-os para criarem também seu próprio modelo. No entanto, esta prática apresenta algumas limitações, pois, como afirmam Pimenta e Lima (2004, p. 35), “nem sempre o aluno dispõe de elementos para essa ponderação crítica e apenas tenta transpor os modelos em situações para as quais não são adequados.” Vale salientar que essa transposição ainda é comum na prática educativa de educadores que utilizam o método tradicional, reproduzindo modelos considerados bons sem refletir sobre os mesmos e adequá-los ao seu contexto, gerando assim um conformismo, resumindo o papel do professor à transmissão de conteúdos.

1.2. Instrumentalização técnica

A prática docente é técnica, uma vez que para executá-la é preciso domínio de habilidades inerentes ao ato de educar. Contudo, “as habilidades não são suficientes para resolução de problemas com as quais se defrontam, uma vez que a redução das técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício destes profissionais” (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 37). Sendo assim, o profissional da educação limita-se ao uso de técnicas sem a devida reflexão, reafirmando a idéia da dicotomia, em que teoria e práticas são vistas como dois pólos isolados e/ou separados, nessa visão o estágio é considerado somente a parte prática e o emprego de técnicas, tais como: manejo de classe, preenchimento de fichas de observação, fluxogramas etc. Nessa perspectiva, ao professor cabe usar estas técnicas de acordo com a situação, recriando-as ou criando outras, se necessário.

a. A relação teoria-prática na formação do professor

Teoria e prática sempre estiveram dissociadas nos cursos de licenciatura, o que causava o empobrecimento da prática. Essa dissociação está presente em várias áreas do conhecimento e é valorizada pela sociedade capitalista, que privilegia a separação entre o trabalho intelectual e manual. Daí a necessidade de estudar esta relação para a formação do professor como um agente de transformação da realidade social. Segundo Pimenta e Lima:

O papel da teoria é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, elas próprias em questionamentos, uma vez que as teorias são explicações provisórias da realidade (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 43).

Assim, as teorias oferecem subsídios para a realização da prática docente. Enquanto que a prática “são as formas de educar que ocorrem em diferentes contextos.”¹ Esta por sua

¹ SACRISTÁN *apud* PIMENTA, LIMA, 2004, p. 47

vez age como transformadora da realidade de maneira inovadora criando soluções para os problemas que se apresentam.

Para entender melhor esta relação teoria-prática para a formação do educador apresentaremos duas tendências abordadas por Vera Candau em seu livro *Rumo a uma nova didática*:

i. **Visão Dissociativa**

Essa tendência enfatiza a teoria e o estudo de autores renomados. Como afirma Candau “a teoria é vista como conjunto de verdades absolutas e universais. Neste caso, a teoria é esvaziada da prática. No currículo, a ênfase é posta nas disciplinas consideradas ‘teóricas’” (CANDAU, 1996, p. 57). Desta forma, a prática educacional é independente das concepções teóricas, pois esta tem sua própria lógica. Portanto, as disciplinas instrumentais são organizadas no currículo sem preocupação de relacioná-las com as disciplinas tidas como teóricas.

ii. **Visão de Unidade**

Nesta tendência teoria e prática são concebidas como indissociáveis, ou seja, uma depende da outra, numa relação recíproca, em que a teoria é reformulada de acordo com as necessidades reais. Deste modo, “todos os componentes curriculares devem trabalhar a unidade teoria-prática sob diferentes configurações, para que não se perca a visão de totalidade da prática pedagógica e da formação como forma de eliminar distorções decorrentes da priorização de um dos pólos” (CANDAU, 1996, p. 60). Assim, sob esta perspectiva, a universidade enquanto instituição formadora de professores deve favorecer em seu currículo esta união entre teoria e prática para que o futuro professor tenha condições de inserir-se na escola como profissional qualificado.

2. O estágio superando a separação entre teoria e prática

O estágio é o momento em que o graduando tem o primeiro contato com a prática, e a oportunidade de refletir sobre ela, relacionando-a com o conhecimento adquirido. Assim, Fávero afirma que a relação entre a teoria e a prática apresenta-se de duas formas: dicotômica e dialética, sendo que a primeira ajuda na aquisição de novos saberes, sem se preocupar em fornecer ferramentas para transformar a sociedade em que se vive, tendo em vista que valoriza a introdução do sujeito na prática concebida independentemente da teoria. E a segunda, trabalha com a integração da teoria que é criada a partir do conhecimento concreto da realidade com a prática, que está na experiência vivenciada e na reflexão da mesma. Entretanto, segundo Pimenta (2004, p. 45) faz-se necessário “um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam”, uma vez que o mesmo é por

diversas vezes superficial, ou seja, não permite ao estagiário um envolvimento intenso com a realidade.

Dessa forma, Pimenta conclui que “o estágio, ao contrário do que se prolongava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade” (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 45). Além disso, “é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá”.

2.1. O estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio

Na maioria das vezes em que o estagiário não tem uma relação com a prática e se depara com a realidade das salas de aula, julga o conhecimento adquirido como verdade absoluta e sente-se no direito de interferir nas ações desenvolvidas pelo professor, gerando assim, um conflito com o mesmo. Todavia, essa situação, poderia ser facilmente resolvida, se a pesquisa fosse incorporada ao estágio, uma vez que a mesma possibilita uma visão mais ampla do espaço onde o estágio se realiza, permitindo que o estagiário elabore projetos de intervenção para solucionar problemas observados por ele e possa relacionar os conhecimentos adquiridos com os vivenciados na realidade.

Desta maneira, o estágio só passou a ser valorizado no ano de 1990, por conta de questionamentos sobre a teoria e a prática, abrindo “espaço para um início de compreensão do estágio como uma investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas” (PIMENTA, 2004, p. 47). Ou seja, nesse período surgiu o profissional que pensa em suas ações e nas dos seus colegas de profissão, além do termo profissional reflexivo para aquele que valoriza os saberes da prática docente e são capazes de produzir conhecimento, visto que até então nas universidades via-se primeiro o conteúdo, depois sua aplicação, e por fim o fazia-se um estágio para aplicação da teoria vista, a qual se mostrava insuficiente para resolver problemas que surgiam no dia-a-dia. No entanto, Donald Schon propôs um novo tipo de formação com base na epistemologia da prática da qual nasceu o professor pesquisador de sua prática que é a

valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento por meio de reflexão, análise e problematização dessa prática e a considerações do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 48).

Assim, na epistemologia da prática, a teoria oferece ao professor conhecimento suficiente para que possa compreender-se como profissional, intervindo e transformando a realidade social, o que só é possível graças às atividades de pesquisa, que são limitadas, por questões de cunho político, de má formação do professor etc. Mas tirar do papel esse novo conceito de professor crítico-reflexivo e professor pesquisador, que faz parte do currículo

por meio do estágio, ainda é um desafio. Além disso, há o risco do patricismo, fruto da supervalorização do professor como indivíduo que considera:

A perspectiva da reflexão é suficiente para a resolução dos problemas da prática; além de possível modismo, com uma apropriação indiscriminada e sem crítica, sem compreensão das origens e dos contextos que a geraram, o que pode levar à banalização da perspectiva da reflexão e da pesquisa (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 52).

Logo, o conceito de professor reflexivo precisa da ajuda das políticas públicas para sua concretização. Daí nasce a necessidade de um professor que é intelectual crítico e reflexivo. Sua formação será composta pelo conhecimento e interpretação da realidade, e o estágio possibilitará o desenvolvimento de suas pesquisas.

3. A Construção da identidade profissional docente

A identidade profissional docente é construída durante sua trajetória, e o período de sua formação é fundamental para se concretizar as intenções que seu curso propõe para sua profissão. Dessa forma, o estágio é o lugar onde se pode refletir sobre essa construção e ainda contribuir para o crescimento da mesma. Pois como afirma Pimentam e Lima (BURIOLLA *apud* PIMENTA & LIMA, (1999),

O estagio é o *locus* onde a identidade profissional é gerada, construída e referida, volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e critica e por isso, deve ser planejado gradativamente e sistematicamente com essa finalidade.

Além do estágio, essa construção é feita a partir das experiências vividas por cada indivíduo nas suas relações pessoais e mesmo em sociedade. Assim, cada profissional traz consigo experiências que podem ser compartilhadas durante esse processo de construção de sua identidade com outros profissionais da mesma instituição. No entanto, esse processo exige tempo para que essas experiências sejam estruturadas e se tornem uma forma de reflexão para os profissionais docentes envolvidos nesse processo. Visto que

(...) a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [sua identidade] sozinho: depende tantos dos julgamentos dos outros, das suas próprias orientações e auto-definições. [assim] a identidade é produto de sucessivas socializações (DUBAR, 1997, *apud* PIMENTA & LIMA (2004).

Para essa construção, outros fatores também contribuem como análises feitas das experiências que ocorrem durante o estágio nas escolas, bem como os estudos da prática pedagógica, da prática do ensino e da didática que são vivenciadas pelos estagiários e docentes. Desta maneira, é nesse processo que também são feitas as reflexões sobre a profis-

são, para que os futuros profissionais possam refletir se querem mesmo ser professores e analisarem as situações sociais que serão construídas e praticadas em sua profissão, sendo necessário ainda reconhecer nesses processos os compromissos e posturas que serão assumidas por ele na sua profissão, bem como suas habilidades, seus conhecimentos e como os mesmo deverão ser aplicados. Todavia, Pimenta e Lima (DURBAR, 1997, 2004, *apud* PIMENTA & LIMA, 2004) dizem que

(...) o processo identitário auto-alimenta-se da vontade de “nunca ser aquele que todos julgam que é” que encontra no ato de formação sua última formação. À pergunta “mais afinal, quem é você” o indivíduo só pode responder “eu estou em formação”.

Mas para se construir professor é necessário notar que todo trabalho humano exerce influência na vida das pessoas e os estagiários devem, portanto, se preparar para o exercício da profissão que ele se propôs exercer. E como consequência disso, ele deverá estar pronto para enfrentar as situações que muitas vezes irão levá-lo ao cansaço, ao desgaste, e será muitas vezes desiludido com os problemas sociais encontrados onde a solução estará longe de seu alcance ou de sua área de atuação. Do mesmo modo, para Pimenta e Lima (FISCHMANN, 1994, *apud* PIMENTA & LIMA, 2004):

Nossa identidade se constrói a partir da intersecção das circunstâncias que nos cercam com os desejos que trazemos. (...) o corpo docente ganhará sua identidade – marca peculiar – no ofício, com o espírito alerta da crítica para a construção conjunta da sociedade para todos.

Essa construção é fundamental na formação do professor; todavia, as fragilidades nos cursos de formação são claras, uma vez que oferecem aos estagiários o ensino teórico-científico; porém o aprendizado de ser professor é adquirido pelos estagiários praticamente sozinhos e é aí que muitos se identificam ou não com a profissão. Portanto, fica evidente a necessidade de uma reflexão dos alunos/docentes quanto à maneira como eles estão se construindo professores.

Considerações finais

A universidade como formadora de cidadãos capazes de desenvolver sua função oferece arcabouços teóricos e práticos para que principalmente no caso da formação de docentes haja uma capacitação qualitativa. Desta maneira, com intuito de atingir o que é proposto a mesma lança mão de um recurso muito importante para o graduando, que é estágio, pois o aluno entra em contato direto com a realidade que conviverá no dia-a-dia da sala de aula. Esta experiência propicia não apenas uma troca de saberes, mas também uma relação direta com a prática, em que teorias vistas no decorrer do curso de licenciatura serão confrontadas e assimiladas.

Sendo assim, no decorrer deste artigo, analisamos, por meio de pesquisa bibliográfica a relação existente entre teoria e prática, bem como suas diferentes concepções para a formação do educador/professor como fato de vital importância para compressão da relação teoria-prática numa visão de unidade, fugindo da dicotomia, em que as mesmas são vistas como opostas e separadas uma da outra.

Contudo, faz-se necessário perceber que toda profissão tende a ser prática, pois, para exercer suas funções é imprescindível o uso de práticas específicas, e isso não é diferente para o professor. No entanto, é fundamental criar uma nova perspectiva quanto às práticas utilizadas, muitas vezes reduzidas à prática pela prática ou ainda à mesma como imitação de modelos, em que se transpõem métodos pré-estabelecidos considerados bons, sem adequá-los a seu contexto e sem uma análise crítica antes de aplicá-lo. Dessa maneira, tem-se uma falsa idéia de uma teoria desvinculada da prática e vice-versa, sendo que a universidade entra em contrapartida a essas concepções, já que, por ser o espaço formador desses discentes, tem por finalidade apresentar a pesquisa como caminho metodológico para essa formação. O estágio tem então na pesquisa uma estratégia na formação de professores: é preciso, pois, conhecer as origens da mesma e sua contribuição na formação de docentes pesquisadores capazes de analisar e intervir no contexto em que estão inseridos.

Assim, cabe, pois, à universidade como fomentadora do espaço de formação de educadores descobrir possibilidades de superação para que não ocorra a separação entre teoria e prática, a fim de que a velha dicotomia seja vista por outro prisma, e uma alternativa apontada é o estágio como pesquisa, que é uma boa estratégia na formação de professores, uma vez que abre uma possibilidade na formação de docentes, pesquisadores devidamente capacitados para atuar no contexto em que atuam como professores reflexivos. Deste modo, o estágio contribui também para a construção da identidade do futuro professor.

Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda (org). *Formação de professores pensar e fazer*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Decreto n.º 5.773, de 09 de Maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 mai. 2006. p. 6, c.1.

CANDAU, Maria Vera (org). *Rumo a uma nova didática*. 8 ed. Vozes, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Minidicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004.